

CORAÇÕES FECHADOS SÓ ENXERGAM DEMÔNIOS (Mc 3,22-30)

Vando Marques Gomes*

Resumo

Jesus é apresentado por Marcos como alguém que tem poder e autoridade sobre as forças do mal. No entanto a pericope de Mc 3,22-30 mostra uma enérgica rejeição que sofreu por parte de alguns escribas. Ao acusarem Jesus de estar sob o domínio do mal e de agir em nome do príncipe dos demônios, eles elaboram uma verdadeira campanha para dissolver sua popularidade carismática, taumatúrgica e doutrinal. Este artigo é uma breve análise da autoridade e do poder de Jesus, reconhecidos pelas multidões e transmitidos até aos seus discípulos; como também das motivações e razões dos escribas para tentarem destruir a imagem de um homem que só passou fazendo o bem; e, ainda, das consequências inevitáveis que a dureza de coração traz para quem se torna caluniador do homem que Marcos apresenta como o Cristo, Filho de Deus.

Palavras-chave: Jesus. Escribas. Autoridade. Poder. Mal. Demônios. Reino de Deus.

Abstract

Jesus is presented by Mark's Gospel like someone with power and upper authority than evil's force. However the passage of Mk 3:22-30 presents an energetic rejection from some scribes. Accusing Jesus to be under the power of evil and to do things in the name of the prince of demons, they organized a powerful campaign to dissolve his charismatic, thaumaturgy and doctrinal popularity. This article is a short analysis about Jesus' power and authority acknowledged by the crowds and transmitted until his disciples; also of motivations and reasons of the scribes trying to destroy the figure of man who lived only to do good things; and more, of the inevitable

* Graduado em Filosofia pela FAFICA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Bacharel em Teologia pela UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco. Especialização em Hermenêutica Bíblica pela UNICAP.

consequences that the hardness of heart brings to everyone who become calumniator of the man present by Mark as the Christ, the son of God.

Keywords: *Jesus. Scribes. Authority. Power. Evil. Demons. God's Kingdom.*

Introdução

No Evangelho de Marcos, o confronto com as doenças, possessões e outros adversários frequentes não é um mero acaso, mas antes uma necessidade para que as portas dos corações se abram à ação do Espírito de Deus. Ao ler-se a perícope de Mc 3,22-30 se pode pensar que a questão marcante do texto é, simplesmente, a associação caluniosa que se faz entre o agir de Jesus e o agir de *Beelzebu* na acusação falaciosa dos escribas. No entanto, o que está em jogo nesse texto é muito mais que essa associação, mas uma discussão sobre o fundamento da autoridade e do poder de Jesus perante os homens e sobre as forças mortais que investem contra esses.

Sendo Jesus o ungido de Deus e atuando com a força do Espírito Santo, por que Ele encontrou tamanha resistência por parte daqueles que deveriam ser os primeiros a reconhecer, em seus feitos, a obra de Deus sendo manifestada ao mundo? Uma vez que passou fazendo o bem e curando os dominados pelo demônio, por que a sentença disseminada pelos líderes religiosos do povo foi a de sua associação com o senhor do mal? Como uma má hermenêutica oferecida por um coração fechado à compreensão e prática do bem, pode construir uma imagem corrompida e mortífera de projetos que promovem a vida, tentando desautorizá-los, apenas para manter intactas práticas e estruturas sem espírito e vitalidade?

Para chegar a responder tais questões é preciso analisar a perícope partindo de seu contexto mais amplo dentro da proposta do Evangelho de Marcos; do início da atuação de Jesus na vida pública, marcada por uma personalidade com traços carismáticos, sábios, proféticos e taumatúrgicos; da relação entre Jesus e os grupos que lhe eram contrários, especificamente os escribas da perícope; e, por fim, perceber como Marcos apresenta a resposta de Jesus às calúnias de seus opositores, no ensinamento das parábolas e no alerta para as consequências do fechamento de coração para quem não enxerga a diferença entre o agir do Espírito divino e do espírito maligno.

1. Mc 3,20-30 em seu contexto evangélico

É certo que uma análise séria de um texto do Evangelho não pode focar-se apenas em um recorte da obra, pois seria fácil interpretar sem considerar os pré-textos e pós-textos que formam um quadro de sentido. Essa perícope está dentro do bloco textual marcano caracterizado como o ministério de Jesus na Galileia (Mc 1,14–9,50). Nos capítulos dessa parte do Evangelho, encontramos a imagem

de um Jesus itinerante, empenhado com o projeto de ensinar às multidões sobre o Reino de Deus e, principalmente, realizando inúmeras curas e exorcismos em prol daqueles que acorriam a Ele.

Para Tuya¹ essa perícope está situada no contexto da relação de Jesus com as multidões e demonstra a confiança que o povo tinha em sua pessoa. Essa popularidade de Jesus e grande aprovação por parte das multidões eram, certamente, um grande incômodo para o grupo que assumia a liderança religiosa dos judeus, pois perdiam espaço e autoridade diante de um homem que não tinha títulos de família nem proveniência ilustre. Muito mais perigoso, para esses líderes, era ver como os ensinamentos e práticas desse Galileu contrariavam os costumes religiosos que distinguiram as relações entre os indivíduos e a religião judaica, seja como ponte para chegar a Deus ou como forma de separação entre autoridades e povo submisso. Isso porque “os únicos seres humanos autorizados a agir como delegados de Deus eram os sacerdotes e os profetas”². É certo que Jesus se identificava com os profetas em sua tradição de ensino e ação (cf. Mc 6,4), como também o povo o reconhecia como tal, mas as autoridades judaicas só o viam como ameaça às tradições.

O destaque que Marcos faz sobre Jesus e que se tornou o espinho na carne para as autoridades religiosas, por causa de sua crescente popularidade, está em reconhecer nos milagres e, de maneira especial, nas expulsões de demônios sua identificação com o Cristo esperado por Israel e a clara chegada do Reino de Deus³ entre os homens. Os próprios espíritos impuros reconheciam a Jesus como o Filho de Deus e “caíam a seus pés” (Mc 3,11) em sinal de submissão⁴, mas curiosamente os homens que mais conheciam as profecias das Escrituras e deviam reconhecer os sinais da realização das mesmas, não foram capazes de enxergar em Jesus a presença e ação de Deus que beneficia os seus amados.

O pré-texto à perícope na qual a autoridade de Jesus é questionada e distorcida começa já nos primeiros versículos do capítulo 3, no confronto com os fariseus na sinagoga quando cura um homem em dia de sábado, mostrando que toda ação que se dirige para o bem do que sofre é sempre desejada por Deus e não contraria seus mandamentos, pois estes existem para assegurar a vida que é dom.

Jesus propõe a interpretação de ensinamentos e práticas que perderam de vista o caráter essencial da promoção da vida e consegue, assim, a aprovação das multidões. Isso causou irritação entre as autoridades judaicas, conhecidas principalmente por serem os guardiões das tradições, da lei e dos costumes para todo o

1. TUYA, Manuel de. Evangelios. In: *Bíblia comentada*, vol. V. Salamanca: Editora Católica S.A., 1964, p. 623.

2. VERMÈS, G. *Jesus, o judeu*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 64.

3. TUYA. *Bíblia comentada*, p. 615.

4. Seguimos a tradução da *Bíblia de Jerusalém*, 5ª edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.

povo. Eram a esses que o povo deveria seguir e ouvir, mas escolhem ir ao encontro de Jesus (Mc 3,7-12) e reconhecem seu carisma, poder e autoridade. Marcos enfatiza isso quando afirma que todos se encantavam com seus ensinamentos, pois “ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1,22). São justamente esses escribas que tentam distorcer a imagem de Jesus para desaprovar suas ações diante do povo. Também nesse conjunto de pré-textos está a eleição dos apóstolos que traz o destaque na afirmação de que os constituiu doze, para que ficassem com Ele e para serem enviados a pregar, tendo autoridade para expulsar demônios (Mc 3,13-19). Esses homens são agora os verdadeiros chefes de Israel, pois, ao ficarem com Jesus, recebem um ensinamento novo e aprovado pelo Pai, como se vê na cena da transfiguração: “Este é meu Filho amado; ouvi-o” (Mc 9,7). Os chefes do povo, escribas e fariseus, já não têm autoridade para conduzir o povo para a vida que abre as portas do Reino de Deus, por estarem fechados a um projeto que exige renunciar os velhos costumes. Suas leis e regras só alimentam e fortalecem as opressões dos demônios que tiranizam o povo, mas os apóstolos de Jesus, ao receberem a autoridade que provém dele mesmo, suplantam as forças do mal e garantem a libertação ansiada pelos filhos de Israel.

O texto seguinte, Mc 3,20-21, traz um dado novo com a entrada de seus familiares em cena, quando o evangelista afirma que “os seus tomaram conhecimento disso” (v. 21), de seu ministério incessante. Certamente a fama de Jesus se espalhou rapidamente e isso trazia apreensão para os seus, pois sabiam o destino de outros carismáticos que congregavam multidões e tornaram-se alvos dos poderes políticos e religiosos da época; um claro exemplo foi João Batista. Diz o texto que “saíram para detê-lo, porque diziam: enlouqueceu” (v. 21). Literalmente, o que se dizia era que estava “fora de si” (*exéste*)⁵. Para Tuya essa expressão não significa necessariamente estar louco, mas em Marcos é uma expressão usada em outras passagens para dizer que o *exéste* pode ser por admiração, surpresa ou entusiasmo ante algo. Nesse último sentido seria o grande entusiasmo de Jesus em sua atividade apostólica que o fazia atuar para além dos próprios limites físicos e considerados racionais, tanto que não tinha tempo nem para comer e, assim, transmitia para seus familiares a impressão de estar “fora de si”. O texto da Bíblia de Jerusalém diz, também, que vieram detê-lo (v. 21), mas no grego a expressão é mais forte, *kratésai autón*, que literalmente seria “apoderar-se dele”⁶ ou “trazê-lo de volta a força”⁷.

Há duas formas de se entender essa afirmação. Primeiro, reconhecendo que, por causa de sua atividade apostólica incessante, Jesus causou certa preocupação

5. TUYA. *Bíblia comentada*, p. 645.

6. Id., *ibid.*

7. HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich von. *Nova chave linguística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Targumim; Hagnos, 2009, p. 272.

aos seus parentes, pois fez fama repentinamente e parecia abusar das próprias condições físicas. Em segundo lugar, há uma forte possibilidade de que tenha chegado aos ouvidos de seus familiares um rumor popular alterado sobre seu ministério, considerando-o como louco, por suas posturas e ensinamentos. “Este rumor poderia ter sido deformado e proferido por fariseus, como em outras ocasiões o fizeram”⁸, inclusive nos versículos seguintes, com a calúnia que levantam contra sua atividade.

O quadro que situa a perícope Mc 3,22-30 é fechado com outra referência aos familiares de Jesus (Mc 3,31-53). Nessa cena seus parentes permanecem fora da casa onde Jesus se encontra, ainda rodeado por uma multidão, e desejam falar com Ele. Ao saber do desejo dos seus por vê-lo, profere uma pergunta retórica com a finalidade de ensinar os seus ouvintes qual é a chave para a pertença ao Reino de Deus, identificando-o como inserção na família divina: “quem é minha mãe e meus irmãos?”, “quem faz a vontade de Deus...” “A doutrina que Cristo ensina aqui é clara. Os laços familiares, sagrados, devem estar subordinados ao bem superior do cumprimento da vontade de Deus”⁹.

Em todas essas perícopes existe um traço estrutural comum que serve para perceber a relação de Jesus com diferentes públicos. Para Fabris, “a cena articula-se sempre sobre a disposição das personagens em três grupos, em triângulo: Jesus, os discípulos e os outros, que são: o povo, os parentes, os adversários”¹⁰. Esse Jesus marcano é, sem dúvida, uma figura que não se enquadra numa imagem meramente celeste e extraterrena, mas é alguém que transita livremente entre as gentes e mostra a face e o poder de um Deus acessível aos meios populares.

2. A autoridade de Jesus em choque com as autoridades judaicas

Depois de situar a perícope de Mc 3,22-30 dentro de seu quadro literário próprio, é preciso analisá-la em si mesma e perceber como apresenta a personalidade de Jesus, sua autoridade que é posta em questão, quem são seus adversários e, igualmente, quais os motivos que os levam a uma oposição tão dramática. O texto diz o seguinte: “E os escribas que haviam descido de Jerusalém diziam: está possuído por *Beelzebu*, e também: É pelo príncipe dos demônios que expulsa os demônios”.

Já no início da perícope, Marcos põe a figura dos escribas em contraposição a Jesus ao tecerem um juízo sobre a origem e o fundamento de sua autoridade

8. TUYA. *Bíblia comentada*, p. 646.

9. *Ibid.*, p. 647.

10. FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos: tradução e comentários. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo. *Os Evangelhos* – Volume I. São Paulo: Loyola, 1990, p. 452.

e de seu poder sobre as forças do mal. O que desejavam incutir na mente das multidões era que a origem de tal autoridade e poder vinha do próprio senhor dos demônios, designado no texto com o nome de *Beelzebu*, “termo que na boca dos fariseus designava o chefe dos espíritos maus” e significa “senhor do esterco”¹¹. Esse título era uma forma desprezadora usada pelos rabinos para dizer que o senhor do esterco é “o demônio ao qual, em última instância, dirige-se o culto aos ídolos”¹². Pior ainda, foi tentarem mostrar que o fundamento da autoridade e poder de Jesus na intimidade com o senhor dos demônios, pois a forma *érrei*, do verbo grego *érro*, seguido do acusativo, “indica estar possuído por”¹³ ou “estar em aliança com”¹⁴.

Diante dessas afirmações quem são esses homens que combatem tão ferozmente a Jesus e suas ações? A perícope os aponta como sendo escribas vindos de Jerusalém. Para G. Theissen, a palavra grega *grammateus* se refere “a um funcionário que escreve documentos”¹⁵; já no judaísmo assumiu a ideia de um mestre religioso por causa do valor dado à Escritura Sagrada. Eram homens versados na lei de Moisés e que poderiam pertencer a diferentes correntes de pensamento religioso¹⁶. Na perícope os que teceram as calúnias poderiam ser os chamados “escribas dos fariseus”, que em Mc 2,16 se escandalizam com a prática de Jesus de comer com pecadores e publicanos, mas o texto apenas aponta que vêm de Jerusalém. Com tais escribas “o Jesus de Marcos promove principalmente debates. Diante deles Jesus defende sua autoridade” (Mc 9,11-13; 12,28-37)¹⁷.

Observando os adversários de Jesus é necessário traçar também, em linhas gerais, uma imagem de sua personalidade. Quatro pontos se destacam na figura pintada por Marcos para o Jesus histórico: carismático, sábio, profeta e taumaturgo.

Jesus é um autêntico membro do judaísmo carismático. Os representantes desse grupo tinham como características o acesso direto a Deus e uma relação mais íntima e livre com este, mantendo certa independência da lei e das regras institucionais, e eram dotados de poderes e qualidades sobrenaturais. “Tais poderes são considerados como inacessíveis à pessoa comum e considerados como

11. Pierre-Maurice Bogaert, Mathias Delcor, Edmond Jacob, Édouard Lipinski, Robert Martin-Achard, Joseph Ponthot (orgs.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas; Academia Cristã, 2013, p. 224.

12. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, 2013, p.224.

von. *Nova chave linguística do Novo Testamento grego*, p. 273.

14. HAUBECK; SIEBENTHAL. *Nova chave linguística do Novo Testamento grego*, p. 273.

15. THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 248.

16. THEISSEN; MERZ. *O Jesus histórico*, p. 249.

17. Id., *ibid*.

de origem divina ou como exemplares”¹⁸. Jesus é um sábio por causa de seu método diferenciado no ensino; não transmitia suas lições partindo de grandes interpretações da Escritura, mas usando o “ensino de sabedoria que descansa na evidência interna entre imagem e pensamento”¹⁹, preferindo a linguagem simbólica, simples, metafórica, cotidiana e enigmática, assemelhando-se aos antigos sábios de Israel. É igualmente herdeiro da tradição profética, tanto em palavras que transmitem a mensagem divina como em gestos que denunciam os desvios dos corações humanos frente à vontade de Deus. Exemplo disso está na expulsão dos vendedores que comercializavam no Templo (Mc 11,15-19), gesto que se equipara aos atos proféticos de Jeremias. Já as curas e os exorcismos que realizava e o reconhecimento popular como sendo homem de Deus reforçaram sua pertença à tradição dos profetas de maior destaque, como Elias e Eliseu. Jesus era, então, um “profeta de sinais”²⁰. A última característica do Jesus marcano está em ser um grande e ativo taumaturgo. Realizando muitas obras prodigiosas (*érgea* = obras ou *dynameis* = milagres), curando e expulsando demônios, Ele acaba por entrar na linha de outros taumaturgos da época, que eram procurados pelas pessoas em busca de libertação e alívio para seus sofrimentos. A diferença para com esses outros está no fato de que Jesus não utilizava fórmulas e palavras mágicas nas curas, nem encantamentos e invocações de autoridades superiores a si para executar exorcismos. Sua ação partia da perfeita intimidade com Deus e da confiança de que suas ações são a manifestação da obra divina. Jesus era, assim, um taumaturgo carismático apocalíptico, pois unia em seus feitos “a expectativa apocalíptica da salvação universal no futuro e a realização episódica da salvação no presente por meio de milagres”²¹. Nenhum carismático taumaturgo havia realizado esse feito de mostrar que em seus milagres há o anúncio de um mundo velho que chegou ao seu fim e se abriu o começo de um novo²².

Essas diferenças de personalidades e interesses entre as autoridades judaicas e Jesus só mostram como a tensão era inevitável. Há aquele que anunciava uma nova estrutura de mundo e de relação do homem com a religião, presente na imagem do Reino de Deus, e há aqueles que desejam manter as estruturas tradicionais, os ritos e as instituições legais. Para esses últimos, a autoridade irrestrita dos carismáticos era uma grande ameaça para a ordem religiosa já estabelecida²³. A verdade era que “a familiaridade, sem formalidade, dos carismáticos com Deus

18. THEISSEN; MERZ. *O Jesus histórico*, p. 210.

19. *Ibid.*, p. 250.

20. *Ibid.*, p. 333.

21. *Ibid.*, p. 334.

22. *Ibid.*, *O Jesus histórico*, p. 334.

23. VERMÈS. *Jesus, o judeu*, p. 85.

e a confiança deles na eficácia de suas palavras eram muito pouco apreciadas por aqueles cuja autoridade dependia dos poderes estabelecidos”²⁴.

3. Corações fechados só enxergam demônios

Diante da tentativa de desautorização e difamação que os escribas empreenderam contra Jesus, Marcos apresenta a resposta dele no formato de ensinamento. Para R. Fabris existe uma dúplice acusação que precisa ser quebrada. A primeira é a de que Jesus está possuído por *Beelzebu*, a resposta vem com a sentença sobre o pecado contra o Espírito Santo, já a segunda diz respeito à cumplicidade de Jesus com o príncipe dos demônios como legitimação para seus exorcismos, a resposta é dada nas parábolas do forte e da casa²⁵. Assim mostra o texto de Mc 3,23-30:

Chamando-os para junto de si, falou-lhes em parábolas: “Como pode satanás expulsar satanás? Se um reino se dividir contra si mesmo, tal reino não poderá subsistir. E se uma casa está dividida contra si mesma, tal casa não poderá se manter. Ora, se satanás se atira contra si próprio e se divide, não poderá subsistir, mas acabará. Ninguém pode entrar na casa de um homem forte e roubar os seus pertences se primeiro não amarrar o homem forte; só então poderá roubar sua casa. Na verdade eu vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens, os pecados e todas as blasfêmias que tiverem proferido. Aquele, porém, que blasfema contra o Espírito Santo, jamais será perdoado: é culpado de pecado eterno”. Isto porque eles diziam: “Ele está possuído por um espírito impuro”.

Na compreensão dessa resposta dada aos escribas existem alguns pontos interessantes. Jesus fala de satanás como possuidor de um reino e de uma casa. Ele é considerado como senhor dos espíritos maus e o tesouro de sua casa está cheio de veneno. Para J. McKenzie “o espírito do ódio age com satã para causar a morte do homem”²⁶ e no livro de Enoc a palavra é usada no plural, os satãs, para indicar que “eles tentam os anjos, caluniam os homens piedosos diante de Deus e punem os condenados”²⁷. Nessa perspectiva, satanás é claramente o acusador dos homens, aquele que deseja destruir a humanidade amada por Deus. Jesus mostra como é ilógico pensar que um servidor do mal agiria em benefício daqueles que deseja destruir, pois a ação de Jesus liberta da dominação maligna e restitui a vida plena ao homem. No entanto, aqueles que estão endurecidos e fechados de

24. VERMÈS. *Jesus, o judeu*, p. 86.

25. FABRIS. *O Evangelho de Marcos: tradução e comentários*, p. 456.

26. MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 778.

27. MCKENZIE. *Dicionário bíblico*, p. 778.

coração, mas se declaram homens de Deus, agem como verdadeiros servos de satã, pois acusam o justo e procuram impedir que o bem de suas ações se realize. Os escribas assumem, então, o papel de funcionários de satã e claros opositores da obra de Deus.

Já na parábola da casa saqueada do homem forte, Jesus mostra que está no mundo como adversário do mal e que o reino de morte não tem mais força e predominância. A chegada de Jesus entre os homens neutraliza e amarra o mal que assolava os filhos de Deus, além de roubar para si os que estavam em propriedade do reino das trevas. Agora é o Reino de Deus que se insurge e deseja dar abrigo e segurança a todos que desejarem a ele pertencer. No entanto, mesmo ouvindo essas parábolas, os escribas e chefes do povo não parecem reconhecer em Jesus um homem que vem da parte de Deus e age em seu nome.

O que se torna curioso é o fato de que os judeus acreditavam que apenas os santos homens, próximos a Deus, possuíam autoridade e poder sobre os fenômenos naturais e também espirituais²⁸. Então, por que esses homens religiosos assumiram a postura de associar a ação de Jesus com o mal? Apontar um possuído por *Beelzebu* era reconhecer numa pessoa a pior espécie de gente, considerado um servidor dos ídolos, alguém que renega o Senhor da bênção e acolhe o senhor do esterco, das coisas sem valor.

O fechamento de coração e a cegueira dos escribas os impediam de perceber em Jesus aquela verdade que Marcos toma como abertura de sua obra: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1). É a falta de disposição em mudar o jeito de ver a presença ativa de Deus na história e a resistência em não querer caminhar à luz do projeto do evangelho, que abre as portas de seu Reino. Tal atitude faz com que os escribas e chefes religiosos de Israel vejam em Jesus uma ação do mal. Certamente Ele era símbolo do mal para esses homens, pois ameaçava a estrutura na qual estavam acostumados e acomodados, crentes de que era o bem real e a vontade de seu Deus. Porém, o Deus das autoridades judaicas era a divindade da separação e se relacionava apenas com alguns poucos prestigiados. Aqui se entende a parábola de Jesus sobre o vinho novo e o remendo novo que em estruturas velhas apenas as levam à ruptura completa (Mc 2,21-22).

K. Berger aborda essa questão da rejeição que Jesus sofre com a compreensão de que a presença de Deus no mundo, embora seja fonte de bênçãos, causa escândalo, pois não é desejada pela maioria dos seres humanos²⁹. Ele afirma o seguinte:

Todos os quatro evangelhos descrevem a presença de Jesus, do “Santo de Deus”, como uma presença que se dá em um mundo que não o quer. A

28. VERMÈS. *Jesus, o judeu*, p. 74.

29. BERGER, Klaus. *É possível acreditar em milagres?* São Paulo: Paulus, 2008, p. 161.

razão disso é bem simples: Jesus está cercado de opositores ao longo de todo o espectro que começa com sua família, passa pelos grupos normativos do judaísmo e se estende até o sumo sacerdote, e que vai de Judas até os romanos. Também as doenças e os demônios são seus inimigos. Ele vence seus inimigos por meio de exorcismos e curas e refuta seus opositores pela ressurreição. Portanto, são sempre demonstrações carismáticas de poder que confirmam o seu direito e lhe dão razão. Asseveramos que os seres humanos sentem-se incomodados pela presença de Deus, a qual, no entanto, é uma oferta de bênção.

É nessa linha que se encontra a resposta de Jesus a seus acusadores. Mostrar-lhes que a calúnia que levantam para tentar minar sua autoridade e diminuir seus feitos perante o povo é apenas uma amostra da livre-rejeição que fazem ao próprio Deus. São os resultados concretos dos milagres e exorcismos que testemunham a origem e o fundamento do poder e da autoridade de Jesus. Ao gerarem vida, suas ações só podem ser por moção do Espírito Santo, Senhor da Vida. Caso resultassem em morte, seriam ações movidas pelos espíritos do mal, que sempre estão empenhados em destruir.

Jesus continua sua resposta às calúnias dos escribas fazendo um alerta: existe um pecado considerado como imperdoável! Tudo é passível de perdão, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não pode ser perdoada (Mc 3,28-30). Significa que o fechamento do coração pode se tornar tão nocivo que a pessoa fica incapacitada de reconhecer o que é obra de Deus ou obra do mal. Ao se manterem fechados, os escribas negam o poder divino que age em Jesus desde o momento de seu batismo. Fabris esclarece o significado dessa resposta de Jesus ao dizer que: “o pecado contra o Espírito é portanto irremissível, não porque mais grave que todos os outros, mas porque inclui em si a rejeição do perdão, excluindo a atitude de fé e de conversão”³⁰.

Na incredulidade dos escribas e em suas interpretações difamatórias dos feitos de Jesus está uma prática pessimista bastante nociva ao progresso do anúncio da Boa-nova do Reino, que acaba servindo de instrumento do mal ao tentar convencer as pessoas de que o bem empreendido por alguém é movido por forças maléficas. Esse tipo de fechamento só consegue ver os demônios que estão espalhados pelo mundo e nunca será capaz de perceber a presença de Deus, pois ela sempre vai incomodar. Invertem-se os valores e aquele que exige transformação e mudança de atitudes mortíferas é demonizado, enquanto quem mantém as estruturas do jeito que estão, ainda que impeçam o crescimento do bem comum e da vida plena, parece ser divinizado.

30. FABRIS. *O Evangelho de Marcos: tradução e comentários*, p. 457.

Conclusão

Por fim, há sempre presente o perigo real de alguém estar olhando com óculos sujos para o mundo e para as ações de quem está tentando mudar as estruturas injustas. Para os usuários desse tipo de lente tudo parecerá errado, feio, grotesco, absurdo, demoníaco, maléfico. Pior é quando tentam convencer outras pessoas de que esses óculos são os únicos que proporcionam enxergar a verdade, ou produzem venenos de mentiras e os servem para todos que estiverem em volta.

Os escribas veem e acolhem esse mundo onde reinam os demônios por não se abrirem à boa-nova da mensagem e dos gestos de Jesus, sinal do mundo novo onde apenas Deus reina. É claro que existe um reino do mal, finito e fadado ao desaparecimento, e um Reino de Deus, eterno e eminente. A pertença a um desses dois reinos depende da acolhida à autoridade e ao poder de Jesus, apoiados na intimidade com Deus e no fazer a sua vontade, ou à autoridade e ao poder de satanás, que tentam manter-se pela mentira, difamação e engano. Diante de toda pessoa está posta a questão: deixar-se guiar pelo Espírito que age em Jesus ou pelos espíritos que agem difamando o que vem de Deus?

Vando Marques Gomes

Rua Francisco Lacerda n. 455, Várzea

50741-160 Recife, PE

E-mail: vmarquesgomes@hotmail.com.

Bibliografia

BERGER, Klaus. *É possível acreditar em milagres?* São Paulo: Paulinas, 2004 (Coleção Bíblia e história).

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 5ª edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulinas 2008.

DICIONÁRIO enciclopédico da Bíblia. Responsáveis científicos Pierre-Maurice Bogaert, Mathias Delcor, Edmond Jacob, Édouard Lipinski, Robert Martin-Achard, Joseph Ponthot. Tradução de Ary Estêvão Pintarelli, Orlando Bernardi. São Paulo: Loyola; Santo André: Paulinas; Paulus; Academia Cristã, 2013.

FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos: tradução e comentários. In: BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo. *Os Evangelhos – Volume I*. São Paulo: Loyola, 1990.

HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich von. *Nova chave linguística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Targumim, Hagnos, 2009.

McKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

TUYA, Manuel de. Bíblia comentada, V: Evangelhos. In: *Bíblia comentada*. Salamanca: Editora Católica S.A., 1964.

VERMÈS, G. *Jesus, o judeu*. São Paulo: Loyola, 1990.